

Pelo Futuro do Passado

Uma instalação que (re)conecta a relação do homem com a natureza

Sara Cruz
Universidade Aberta
Centro de Investigação em Artes e
Comunicação (CIAC),
Portugal
saraeduardasilva@gmail.com

José Bidarra
Universidade Aberta,
Centro de Investigação em Artes e
Comunicação (CIAC),
Portugal
jose.bidarra@uab.pt

ABSTRACT

For the Future of the Past is an interactive audiovisual installation which supports a (re) connection of the four primordial elements with consciousness and ethics, questioning the world, society and life through an interaction process. It aims to (re) create meanings or reinforce meanings about the environment, life and globalization. It does not give us answers, but it allows us to question our choices.

Pelo Futuro do Passado é uma instalação audiovisual interativa de carácter experimental que provoca uma (re)conexão dos quatro elementos primordiais com a consciência e a ética, questionamento do mundo, a sociedade e a vida através de um processo de interação. Visa (re)criar significados ou reforçar sentidos sobre o ambiente, a vida e a globalização. Não nos dá respostas, mas permite-nos questionar as nossas escolhas.

KEYWORDS

Instalação audiovisual, arte e sociedade, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos numa sociedade profundamente marcada pelo progresso científico, pelo desenvolvimento tecnológico. Mas que relações que se estabelecem entre as novas tecnologias e a sociedade em si?

Desde sempre que as alterações tecnológicas e científicas transformam a maneira como o homem vive em sociedade, bem como afeta as suas produções, arte ou cultura.

«A Revolução Industrial e a Revolução Francesa mudam a arte e cultura apostando na distribuição do saber e na valorização do cidadão. O século XIX desponta com novos suportes tecnológicos: a fotografia e o cinema. O fim do século XIX é marcado pelo aparecimento da Arte Nova, que assenta numa base racional e arquitetónica, ao mesmo tempo em que explora as formas da natureza e a organicidade do mundo e dos objetos do mundo. (...) Surge um novo sujeito com novas necessidades num mundo também novo. Os movimentos de vanguarda aparecem como uma resposta às angústias da

humanidade diante dos novos suportes, das novas leis da Física, do novo mundo que se (re)configurava diante de todos. Vários foram os movimentos de vanguarda. Alguns deles eram profundamente antitéticos, mas todos se debruçaram sobre questões fundamentais: qual seria a nova conceção do Homem e da História?» [1].

O aparecimento das tecnologias operou grandes mudanças no Homem e, conseqüentemente, na arte. O seu comportamento, a forma de se expressar e as relações sociais foram as vertentes humanas que mais alterações sofreram.

Ao longo dos tempos, a arte sempre teve um papel destacado na forma de expressar o pensamento cultural da altura, criticando/comentando o sistema vigente. Em certa medida, a cultura pode ser entendida pela arte do momento. Porém, é essencial ter em consideração que a arte pode ser encarada essencialmente como uma forma de expressar a individualidade e a interpretação pessoal de cada um. Para alguns autores, como Marc Jimenez [2], «A arte está ligada à prática, ela cria objetos palpáveis ou produz manifestações concretas que ocupam um lugar dentro da realidade: presta-se a exposições em todos os sentidos da palavra».

O conceito de arte evoluiu ao longo dos tempos. No século XX, a arte passou por novos caminhos que fizeram com que as obras de arte produzidas através da tecnologia conseguissem expandir as experiências de cada sujeito, principalmente com a massificação do objeto graças ao desenvolvimento das indústrias e dos meios de comunicação [3].

No fim do século XX, entraram no campo da arte e da história termos como *software art*, *net art*, *web art*, *bio art* e outros, o que demonstra como a arte evoluiu na atualidade mas também mostra claramente a redefinição das práticas que têm vindo a ser aceites e desenvolvidas pela comunidade artística, na qual a imagem é um elemento importante. Como afirma Berger,

«As imagens foram feitas, de princípio, para evocar a aparência de algo ausente. Pouco a pouco, porém, tornou-se evidente que uma imagem podia sobreviver àquilo que representava; nesse caso, mostrava como algo ou alguém tinham sido - e, conseqüentemente, como o tema havia sido visto por outras pessoas. Mais tarde ainda, a visão específica do fazedor de imagens foi também reconhecida como parte integrante do registro. A imagem

tornou-se um registro de como X tinha visto Y. Constituiu isto o resultado de uma crescente tomada de consciência da individualidade, acompanhada de uma crescente consciência da história. Seria ousado pretender datar com rigor este último avanço. No entanto, pode afirmar-se com certeza que esta consciência existe na Europa desde o início do Renascimento» [4].

Com a evolução da tecnologia, há um rompimento com as ideias artísticas da época renascentista, com uma estética diferente e, claro, com necessidades de novas reflexões.

A relação entre a tecnologia, os meios de comunicação e a arte é híbrida. A arte tenta dar a conhecer o organismo vivo do homem, personificando a relação na qual o corpo em interação com a tecnologia leva ao aparecimento de um objeto artístico representado pela junção do orgânico e do sintético.

A revolução dos média e sobretudo da televisão e da internet, fez com que muitas mudanças ocorressem na sociedade, e muitas vezes o que víamos nos filmes de ficção científica passou a fazer parte do nosso quotidiano [5]. De certo modo, as artes tentam entender essa realidade ou virtualidade de tal forma que procuram exteriorizá-la.

«A coincidência dos meios de comunicação com os meios de produção da arte foi tornando as relações entre ambas, comunicações e artes, cada vez mais intrincadas. Os artistas foram-se apropriando sem reservas desses meios para as suas criações.[...] Graças a esses equipamentos, facilmente disponíveis ao artista, originaram-se formas da arte tecnológica que deram continuidade à tradição da fotografia como arte» [6].

Contudo, o curioso é que é principalmente graças ao desenvolvimento da tecnologia que o sujeito passou a ser um elemento que está disponível para integrar obras de arte, e não somente as criar. É verdade que os avanços tecnológicos têm gerado um afastamento entre os indivíduos, isolando-os de tal modo que, hoje, a sociedade também não tem a noção de físico/real, até porque o virtual não se opõe ao real, constituindo uma extensão dele mesmo. A articulação das imagens com a arte fazem a mediação da realidade, transformando a noção de espaço, antes concreto. De certo modo podemos considerar que estamos dependentes da tecnologia para compreender a nova realidade e a contemporaneidade existente [3].

Um filme que retrata a relação entre o virtual e o real, bem como a importância das imagens e da arte é *Matrix* de Lana Wachowski e Lilly Wachowski, de 1999. O enredo desenrola-se num futuro em que a realidade é criada por uma máquina que procura controlar a população humana aproveitando-se do calor e da atividade elétrica dos humanos como energia para se manter. Este filme é uma representação da realidade social, em que confundimos o real com o não real e em que nós, humanos, estamos assentes na tecnologia e nas máquinas e delas dependemos [7].

Os novos ambientes virtuais criados pelas tecnologias provocam um conjunto de novas experiências e sensações marcadas pela ausência física, mas que pode delimitar um isolamento ou aproximar das pessoas.

Como a arte acaba por exprimir tudo o que acontece na realidade ou na sociedade esta é uma atividade que, sendo complexa e bastante díspar, tem a capacidade de libertar a humanidade dos constrangimentos. Nesse sentido, entre a arte e as outras expressões do homem não existe uma distância, mas uma adaptação [8].

De fato, o homem tem tendência para se adaptar ao mundo em que se encontra, seja do ponto de vista emocional, social ou artístico. O desejo de reproduzir e conseguir interpretar essa vivência exprime-se através da arte.

Com o incremento da tecnologia deu-se, segundo a semiologia, uma representação da realidade através das imagens [9].

A fotografia, o cinema, o vídeo e o computador foram criados graças a elementos racionais e também industriais. Não obstante, a arte tem nos dias de hoje diferentes modos de se relacionar com a tecnologia, até porque a forma como as relações humanas se encontram bastante diferentes fez com que surgissem novas estéticas artísticas e também novos comportamentos.

O homem das imagens, fotografias e artes audiovisuais, veio para transformar a perceção do mundo. A arte transporta o sentido do tempo para as palavras ou imagens. Os artistas dão a conhecer as suas descobertas e visões do seu tempo às gerações futuras e também à sociedade onde estão inseridos.

2 O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL ENQUANTO EXPRESSÃO ARTÍSTICA

O homem vive hoje numa *época esquizofrênica*, como declarou Fredric Jameson. Uma época onde passado, presente e futuro se confundem [10].

As novas tecnologias têm a capacidade de movimentar o mundo de forma cada vez mais ininterrupta e acelerada, destruindo ao mesmo tempo que constroem, tentando implementar o impessoal à vida humana. Observa-se assim uma fratura histórica. O homem-massa descreve-se, desta forma, por uma perda do sentido da vida, andando à deriva, numa cultura tecnológica. Espera que esta seja a solução do seu bem-estar cultural, julga que a crise que vive, não é sua, sendo só mais uma entre tantas outras, ou seja, é caracterizado pela falta de compromisso e irresponsabilidade. As prioridades das pessoas estão invertidas. É preciso lutar mais pelo conhecimento, pela verdade, e deixar em segundo plano os bens de consumo [11].

Como paradigma da sociedade atual, Tavares [12], analisou o filme *Blade Runner*, de Ridley Scott. Assim como no filme, já não temos certezas do que é real.

Vivemos no tempo da superinformação. Em *Blade Runner*, o *homo-sapiens* evoluiu para a espécie *homo-consumus*, sendo a sua ambição redirecionada para os objetos, que supostamente compensam a falta de tudo, pois são seres incompletos. Também na nossa época pode ser observada a angústia, o ser diante do Nada (segundo Heidegger) e a substituição deste “nada” por uma representação qualquer.

Sendo uma questão fundamental do desenvolvimento das sociedades contemporâneas, o seu significado não se cinge completa e unicamente a esta particularidade. A denominada cultura de consumo, subjazendo parte dos moldes de vida do ser humano, transformou-se numa das referências principais da legitimidade de comportamentos e valores, constituindo-se como um dos eixos matriz do mundo globalizado. Para que seja um contribuinte da desaceleração dos ciclos de substituição, os novos paradigmas de consumo cultural são vistos, desde o início do século

XXI, como parte de um objetivo de proteção da natureza e do meio ambiente veiculado através de expressões culturais e artísticas consentâneas com o seu propósito. A arte torna-se, no ponto de vista da sustentabilidade ecológica, um conceito de vasto interesse para a questão do desenvolvimento sustentável, sobretudo porque é um campo específico que é capaz da transversalidade de tocar as emoções, podendo ser um influenciador de novas visões do mundo.

As primeiras obras que tocam esta temática particular surgem na década de 1960-1970, em Nova Iorque, sobretudo através de Alan Sonfist [13], que tenta recriar uma paisagem do século XVII através de um plantio de árvores nativas, tendo transformado o espaço num pulmão vegetal inserido no contexto metropolitano profundamente denso da realidade americana.

Esta intervenção é essencial e constitui um ponto de viragem, uma vez que chama a atenção em torno da imensidão que se vai construindo na cidade, e que, muito particularmente para o caso das urbes ocidentais, vai gerando fortes problemas ambientais decorrentes do desenvolvimento económico amplificado e industrial, extremamente predatório. Posto isto, temos a demonstração de como a cultura e o desenvolvimento multilateral se fazem num período que se esbate ao longo da história, refletindo costumes, significados, ideias e valores dos indivíduos e das sociedades de cada época específica [14].

As correlações entre a arte e a sustentabilidade produzem-se, desde logo, nos espaços educacionais, muito através de um recurso ao ativismo expositivo, mas também à composição visual com a colocação de instalações audiovisuais que são transversais no que respeita à própria sustentabilidade do produto, mas também na densidade provocada no público alvo [15].

Atualmente, vivemos a sexta extinção em massa [16], uma aniquilação de carácter biológico que é instigada pela velocidade e a força das ações humanas. Segundo este ponto, imensos são os estudos que defendem que a quantidade de animais que está a morrer no decurso direto das alterações climáticas e do aquecimento global, que faz com que os ecossistemas se degradem a uma velocidade muito rápida e que desfaça os habitats de determinadas espécies. Por outro lado, a poluição também contribui em larga medida para as mutações e transformações climáticas que temos vindo a verificar no nosso planeta nos tempos mais próximos. Também os ecossistemas não têm sido capazes de combater esse ataque do ser humano às duas defesas ambientais, sendo esse um resultado direto da ação entre o homem e o meio ambiente.

Esta ação do ser humano é relevante para o estímulo por parte dos artistas, sobretudo porque é capaz de demonstrar que, em situações como as extinções em massa é possível compreender que a tal sexta extinção está em curso de uma forma bem acentuada, ao mesmo tempo que nos auxilia na demonstração de que, em todas as outras cinco extinções em massa anteriores, a espécie dominante foi sempre obliterada da crosta terrestre. Desta vez, a espécie dominante é o ser humano, o que pode resultar em profundas crises humanitárias impulsionadas pela fome que advirá da aridez dos solos e da sua incapacidade produtiva, que catapultará uma queda na produção agrícola e de subsistência, por exemplo [17].

No auge do capitalismo neoliberal, período em que nos encontramos, adensado com a queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética, o acesso aos recursos existentes na natureza sofreram transformações nas relações mercantis que eliminaram, de forma gradual, algumas particularidades dependentes à gratuitidade natural de serviços fundamentais a sociedades assentes no Estado

Social. Todo o processo de acumulação de capital despojou o conjunto dos trabalhadores e os forçou a transformar em mercadoria a sua força de trabalho, impondo um ritmo que não é mais aquele que se forjava numa lógica de regeneração da natureza, mas o da voracidade do próprio capital [18].

O exercício e o descartar de alguns bens duráveis e efêmeros trouxe à tona problemas conectados à acumulação de luxos nas cidades, e essa poluição oriunda do tal relacionamento que o homem foi moldando com a natureza, começou a exigir uma posição relativa ao fim de transformação das preocupações forçosamente urgentes. A figura da arte, seja ela nos moldes audiovisuais ou noutra tipologia, intercede favoravelmente ao emprego de materiais descartáveis, cumprindo a sua missão essencial de exercer o culto da passagem da mensagem de necessidade de sustentabilidade, ao mesmo tempo que mistura uma aglutinação entre os objetos do mundo, o espaço da própria arte e uma calma na necessidade de refrear a voracidade com que os recursos têm vindo a ser consumidos [19].

O mundo tem a capacidade de, através da linguagem, da nomeação e da expressão artística, ou seja, de expressões corporais e identitárias que estruturam a cultura dos povos, edificar a alfabetização ecológica que permite aquilo que Capra [20] denomina como os seis princípios desta alfabetização sustentável, inserida no âmbito da produção cultural que cimenta toda a dimensão da natureza social.

Aquilo a que chamamos de teia da vida, que compõe os moradores da casa e da terra, nomeadamente os animais, as plantas e os micro-organismos, são a matriz e o seio dessas mesmas redes de relacionamento através dos quais se consegue entender e observar o comportamento do mundo natural, extraindo daí princípios morais para os comportamentos humanos, plasmados na arte e nas suas mundividências de edificação ecológica e sustentável. A exemplo da arte que procura sempre ser representativa dos tempos que são os seus, muitas linhas artísticas se têm inspirado na questão da sustentabilidade, adotando as mais diversas formas e resultando em grandes obras todo esse olhar sobre a realidade.

A arte, neste século, transformou-se numa espécie de resíduo que, em imensos casos, tem encontrado o seu sentido através de um espaço único de transcendência. Dinâmicas de construção artística com base no emprego de vestígios de expressão plástica e da crítica ao consumo desenfreado, tem-se prendido através de uma coleção de alguns objetos oriundos da industrialização e do rasto que esta deixa, mas que a sociedade descartou, como garrafas, plásticos, e pedaços de metal e ferro que são retirados das ruas e reciclados através da arte e da sua necessidade de chamar a atenção para a questão mais fragmentária dos nossos tempos [15].

Deste modo, todo o naturalismo ético daqui emanado, da junção entre uma causa específica, que é a preservação dos ecossistemas e da sustentabilidade ecológica, no combate às alterações climáticas, com a construção estética e visual veiculada pela arte, contribuindo para uma complexificação da mente humana na senda do preenchimento da teia da vida. Os recursos a ferramentas oriundas dos desperdícios da atividade humana e da sua relação com a natureza, potenciam e robustecem a legitimidade dos novos moldes de inquirição artística, ao mesmo tempo que fazem legitimar o combate por um planeta sustentável.

3 PELO FUTURO DO PASSADO

As presentes reflexões culminaram numa instalação audiovisual interativa de carácter experimental que apresenta, de forma poética, os quatro elementos da natureza: ÁGUA, FOGO, TERRA e AR, bem como o impacto da ação humana nos ecossistemas do nosso planeta. A intervenção possibilita igualmente o questionamento do mundo, da sociedade e da vida através de um processo de interação com o artefacto para (re)criar significados ou reforçar sentidos. Deste modo, é potenciadora da reflexão e do levantamento de questões quotidianas como as relacionadas com o ambiente, com o modo como as pessoas vivem, com a globalização e as mudanças que acontecem no mundo. É disto que trata a Arte do nosso tempo: dos problemas, dos sonhos e das vidas de todos nós. O artefacto pretende mostrar-nos tal como somos, qual a nossa natureza. Assim, faz-nos pensar, refletir, ...talvez agir. Não nos dá respostas, mas interroga-nos sobre as nossas escolhas. A figura 1 representa uma vista sobre a composição do artefacto, na qual é visível a instalação audiovisual interativa que é composta por duas obras:

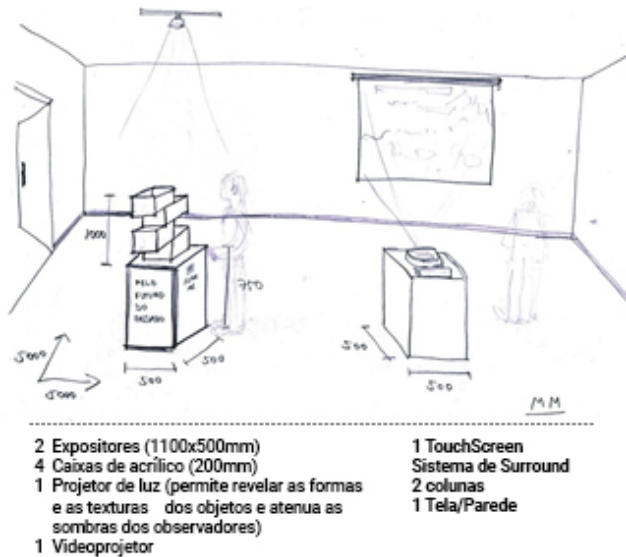


Figura 1 – Composição da instalação audiovisual interativa, Pelo Futuro do Passado.

Primeira Obra: refletida na figura 2 e que consiste em desafiar o observador ao exercício da imaginação.

Ao provocar-nos, ao fazer-nos perguntas, estamos a vivenciar uma experiência artística. O Foco está nos 4 elementos – TERRA, ÁGUA, AR, FOGO sobre a forma real e virtual. A obra é composta por quatro bases e sobre cada uma existe uma caixa em acrílico preenchida com terra, água, cinzas (para representar o fogo) e a última vazia (representa o ar). A obra é enigmática e tem o poder de incitar o observador à reflexão, interrogação, interpretação e inquietude. A posição dos motivos provoca uma reflexão e o desejo de querer saber mais, questionando e estimulando o nosso pensamento e a nossa imaginação de forma a causar perplexidade ou inquietação. Deste modo, a obra não se limita a responder a perguntas, mas a colocá-las. Com a pureza das suas formas, intrigantes e convida-nos a andar em seu redor, a tentar descortinar os seus



Figura 2 - Representação física dos 4 elementos da natureza.

variados mistérios, a descobrir todas as suas faces. A possibilidade de poder observar todos os seus pormenores, leva-nos a um conhecimento mais profundo da sua essência. Adicionalmente, é possível exibir in loco, elementos virtuais que complementam a informação real que envolve o observador, com o recurso do leitor QR Code, através da tecnologia Realidade Aumentada que nos remete para novas significações e faz-nos pensar no que significa exatamente cada elemento isoladamente e no seu conjunto.

Segunda Obra: cujo objetivo passa por desafiar o observador a participar, completando a obra. A obra só tem importância, só existe, se o observador for ao seu encontro, se dedicar tempo a conhecê-la.

O propósito da instalação é explorar a percepção visual e sonora com um carácter experimental e imersivo em tempo real, capaz de transportar o sentido do tempo para as imagens e o som, onde se estabelece uma galeria visual performativa. Esta instalação permite provocar no observador uma viagem de grande impacto sensorial e emocional, com recurso à imagem em movimento, o vídeo, com um ambiente sonoro original, de forma a permitir a (re)construção de novas narrativas, em tempo real. O vídeo traz duas grandes novidades à arte: o movimento da imagem e o som que despertam a nossa atenção e exigem de nós um foco mais intenso e direcional.

A instalação audiovisual interativa oferece uma interface intuitiva que inclui vários vídeos de curta duração (figura 3).



Figura 3 - Interface do ambiente virtual da instalação audiovisual interativa, Pelo Futuro do Passado.

A instalação impede o observador-fruidor a explorar os vários níveis de uma narrativa visual. O objetivo é criar um resultado sonoro e visual do que está a ser projetado, através da seleção dos vídeos de curta duração, por parte da ação gestual do observador. Neste tipo de seleção surge a possibilidade de interação do observador com a narrativa, alterando assim a sua estrutura linear podendo este modificar o meio e o fim da história

Assim, conforme apresentado na figura 4, os observadores trilham os seus próprios caminhos, evidenciando que a obra depende do observador para a completar. Não há regras definidas a seguir. Cada um é livre de escolher os vídeos que lhe interessam e livre de os recriar como melhor entender. O mais importante é a capacidade de encontrar e de criar novos sentidos no mundo e nos seus fragmentos, participando no processo de criação, na construção de uma nova maneira de ver, de uma nova história. Tal, faz com que cada um siga um caminho diferente, siga o seu próprio caminho.

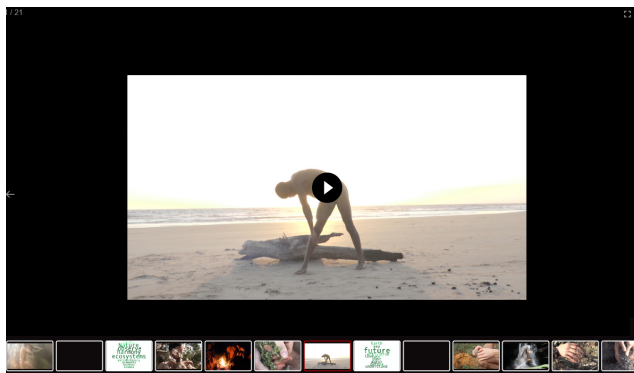


Figura 4 – Captura de ecrã durante a interação do observador com a instalação, Pelo Futuro do Passado.

No que diz respeito a planos, o artefacto compila um conjunto de pormenores e desafogados da praia e do campo com a intenção de nos dar a entender a dimensão do que está ao nosso alcance, transmitindo-nos uma sensação de tranquilidade, o oposto do ritmo frenético da atualidade. Premiando a vertente da natureza, a verdadeira importância da liberdade e dos espaços verdes, a humanidade deve manter uma postura coesa, onde aquilo que nos une é uma evolução crescente no sentido da responsabilidade ambiental e social. É uma espécie de espelho mágico do mundo, mostrando toda a falta de sentido e destruição com o nosso planeta. Por este motivo, cabe-nos a responsabilidade de reescrever esta situação. É urgente desenvolvermos uma verdadeira simbiose entre o género humano e a natureza, sendo necessário estarmos recetivos ao mundo que nos rodeia. Visualizar a realidade de outro ângulo, seguindo a premissa, de que a forma como pensamos, sentimos e agimos relativamente à natureza acaba por voltar a nós.

Para ilustrar o papel do homem como criador de sua existência, capaz de ampliar o conhecimento do mundo, com o objetivo de mostrar a energia da vida e a sua capacidade para a mudança incorporarmos o elemento humano, através de um diálogo narrativo entre os movimentos e gestos de dois bailarinos com a mistura dos elementos primordiais de uma forma poética. A simplicidade e espontaneidade dos movimentos transmitem a ideia de força,

energia e relação, bem como traduzem a constante disponibilidade da natureza para conectar com o homem. A representação do corpo humano em estado de nudez evoca a beleza natural, a sua essência, a valorização do corpo como expressão natural do ser humano, a força humana animal, deixando a mente leve e livre de impurezas numa procura incessante de liberdade. Ao mesmo tempo representa o que tem de mais íntimo em cada ser humano, mas também o que tem de mais universalmente humano, sem máscaras, padrões e artificios. Por outro lado, cria um espaço íntimo com os observadores, colocando-os voluntariamente numa relação de proximidade. Através da obra, abre-se um mundo que indicia, que provoca um olhar para o outro lado das coisas, que joga de forma diferente com a nossa imaginação, envolve o pensamento, a sensibilidade e, desta forma, explora a natureza do indivíduo no seu impulso para viver.

O artefacto enfatiza uma visão de futuro com tudo o que as pessoas precisam para serem felizes. Não só para pararmos e nos abstrairmos dos problemas, do *stress*, da azáfama da vida, mas também para percebermos e aproveitarmos aquilo que temos de bom e que nos é dado de graça pela Natureza. É fazer mais com menos e aplicar estes conceitos na nossa vida, atribuindo-lhe mais sentido.

O artefacto possui um papel relevante e uma oportunidade para o observador coproduzir uma narrativa poética com a finalidade de evocar e despertar sentimentos e emoções com um poder de influenciar a sua forma de sentir, pensar e agir de forma que se conserve durante mais tempo na memória de quem observa/interage. Desta forma, cria uma série de eventos que ocorreram (no passado, como uma memória), acontecem (no presente) ou acontecerão (no futuro). É um espaço de permanente negociação de sentidos e emoções, que se dedica às relações polissémicas entre imagem e som. De modo a intensificar a contemplação do artefacto, incluímos a *voz off*. Realçamos um trocadilho feito a partir de um verso da canção “I need another world” the Antony and the Jonhsons, no qual procedemos à substituição da palavras “miss” (falta) por “ter”. O propósito foi o de reforçar a energia da vida, a nossa capacidade de mudança e humildade para transformar e reinventar um mundo com os elementos que compõem a natureza, tal como refere no poema, “vou construir o mundo com o “o mar, as árvores, neve, sol, os animais” proporcionando novas formas de olhar, ver, pensar e sentir a realidade.

<i>I need another place</i>	<i>I need another place</i>
<i>I need another world.</i>	<i>I need another world.</i>
<i>This one's nearly gone</i>	<i>This one's nearly gone</i>
<i>Still have to many dreams</i>	<i>Still have to many dreams</i>
<i>I am going to another world</i>	<i>I am going to another world</i>
<i>A place where I can go</i>	<i>A place where I can grow</i>
<i>I'm gonna miss the sea</i>	<i>I'm gonna have the sea</i>
<i>I'm gonna miss the snow</i>	<i>I'm gonna have the snow</i>
<i>I'm gonna miss the bees</i>	<i>I'm gonna have the bees</i>
<i>I'm gonna miss things that grow</i>	<i>I'm gonna have things that grow</i>
<i>I'm gonna miss the trees</i>	<i>I'm gonna have the trees</i>
<i>I'm gonna miss the sun</i>	<i>I'm gonna have the sun</i>
<i>I'm gonna miss animals</i>	<i>I'm gonna have animals</i>
<i>I'm gonna miss you all</i>	<i>I want to have you all</i>
<i>I need another place</i>	<i>We need another place</i>
<i>Will there be peace</i>	<i>Will there be peace</i>

O artefacto traz novas perspetivas, formas e densidades entre a relação homem-natureza e convoca visões contraditórias. É de uma transparência emocional que expõe, é capaz de criar entusiasmos com simplicidade, incute esperança, traduz a entrega e a disponibilidade. Os versos afloram o tema, evocam o universo, percecionam paisagens emocionais no sentido que se trata de encontrar conexões entre a natureza e o homem com o mundo natural à volta, porque ambos somos feitos dos mesmos elementos.

A instalação “PELO FUTURO DO PASSADO” molda-se através de um questionamento dos valores dominantes da autoconservação da espécie humana, capaz de provocar uma nova consciência ética, de sustentabilidade ambiental e cultural, numa perspetiva estética e poética das quais é possível sentir e extrair os elementos chave para a vida.

Da união entre os quatro elementos ÁGUA+FOGO+TERRA+AR, resulta o quinto: o equilíbrio, o éter da VIDA, que deve ser encontrado por cada um de nós em todos os níveis da nossa existência, para que possamos alcançar a verdadeira paz e felicidade, bem como a harmonia na relação com todos os outros seres e o meio ambiente. Somos diferentes em nós mesmos, mas feitos da mesma matéria e a beleza surge desse encontro de partículas.

Estamos a viver momentos, que a nível micro e macro, passado, presente e futuro se misturam em uníssono. Nesta instalação, os participantes poderão manipular estes elementos em tempo real convocando um olhar consciente, crítico e participativo relativamente à degradação ambiental provocada pela crescente industrialização. É urgente mudar mentalidades, atitudes e comportamentos, de forma a desenvolvermos uma verdadeira simbiose entre o género humano e a natureza, harmonizando a relação entre espécies.

CONCLUSÃO

A instalação “PELO FUTURO DO PASSADO” incorpora uma visão integrada da realidade sob o ponto de vista socio ambiental. O maior desafio com que a Humanidade se confronta atualmente é diferente de todos os outros que já ocorreram no passado: preservar a nossa casa comum, o Planeta Terra, a biodiversidade, o ecossistema, construindo formas alternativas de convivência baseadas num desenvolvimento verdadeiramente sustentável. Esta é a grande aventura com que a Humanidade se defronta e um desafio de todos. O PASSADO representa a chave para o futuro, estabelecendo o entendimento profundo da nossa relação com a natureza que é a base de toda atividade humana. Quando o ser humano se conecta de forma equilibrada e harmoniosa com a natureza, ajudando-se mutuamente, passa a ser consciente das suas ações/funcões.

A instalação que criámos (re)conecta a relação do homem com a natureza como sempre foi no passado, para ele se expressar, se rever e, principalmente, se encontrar. Compete ao ser humano uma nova consciência ecológica enquanto única possibilidade de salvar o futuro comum do Planeta Terra, ganhando cada vez mais acuidade a necessidade de um desenvolvimento harmónico, equilibrado, justo, e sobretudo, com sustentabilidade.

REFERENCES

- [1] Tavares, Miriam Estela Nogueira (2016). Reflexões sobre o ensino e a investigação em Artes – do Positivismo à Complexidade. Paralelo 31, edição 06, junho de 2016, pp. 104-114.
- [2] Jimenez, Marc (1999). O que é estética?. São Leopoldo: Ed. Unisino, p.10.
- [3] Jiménez, José (2002). Teoria del arte. Madrid: Editorial Tecnos, pp.41-50.
- [4] Berger, John. Modos de ver. Lisboa: Edições 70, 1972. p.14.
- [5] Sorlin, Pierre (1997). Mass Media. Oeiras: Celta Editora, pp. 89-95.
- [6] Santaella, Lúcia (2005). Por que as artes e as comunicações estão convergindo?. São Paulo: Paulus, p. 13.
- [7] Jungk, Isabel (2018). Repensando Matrix como metáfora do real em que estamos imersos. Leitura Flutuante. São Paulo, v. 10, p. 43-60, 2018.
- [8] Millet, Catherine (1997). A Arte contemporânea. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 35-48.
- [9] Ilharco, Fernando (2003). Filosofia da Informação: Introdução à Informação como Fundação da Acção, da Comunicação e da Decisão. Lisboa: Universidade Católica Editora, pp.51-68.
- [10] Jameson, Fredric (1985). Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo. Novos Estudos, 12, p. 16-26.
- [11] Ortega y Gasset, José (1929). A Rebelião das Massas. Tradução: Herrera Filho Edição eletrônica: Ed.
- [12] Miriam, Tavares (1997). “Do Androids Dream of Electric Sheep?” In GUERRA, Josenildo L. e MARINHO, Mônica B. (org.), Circunavegação: temas em comunicação contemporânea. UFBA, FACOM
- [13] Etienne Benson (2014). Environment between System and Nature: Alan Sonfist and the Art of the Cybernetic Environment, communication +1: Vol. 3: Iss. 1, Article 2.
- [14] Dieleman, Hans (2006). Sustentabilidade como inspiração para a arte: um pouco de teoria e uma galeria de exemplos. In: Helio Hara. Caderno Videobrasil 02: Arte Mobilidade e Sustentabilidade. Associação Cultural Videobrasil, nº2, São Paulo, pp.124-127.
- [15] Hall, Bryce & AICHER, Jennifer (2017). What Is Sustainability and Why Is It Important?. Consultado em 21 de agosto de 2017. Disponível em <http://www.environmentalscience.org/sustainability>
- [16] Kolbert, Elizabeth (2019). A Sexta Extinção. Elsinore
- [17] Grun, Mauro (2004). As Teias da Aprendizagem: as relações entre a natureza e a cultura na Educação Ambiental. Resumos da Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.
- [18] Kagan, Sacha (2011). Art and Sustainability: Connecting Patterns for a Culture of Complexity. Bielefeld: Transcript Verlag.
- [19] Resende, Ricardo (2007). O lixo, o belo e o nada. Revista eletrônica um ponto e outro, Florianópolis, n.5.
- [20] Capra, Fritjof (2000). A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix.